Perfil jornalístico e o resgate das singularidades: um olhar às pessoas comuns [1]

Francielli Cristina CAMPIOLO[2]
Ariane Carla PEREIRA[3]
Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR

RESUMO
Este trabalho resulta de um projeto experimental no qual foram construídos dois textos no formato perfil. Acredita-se que, assim, é possível uma maior aproximação entre repórter e entrevistado, pois o jornalista apreende as histórias, os gestos e os costumes para construir um texto aprofundado que possibilite o leitor fazer interpretações conforme o seu conhecimento de mundo. Assim como fazem em seus ofícios os personagens dos perfis elaborados, o jornalismo sem as novas tecnologias exprime sua essência: prioriza a fala das pessoas comuns em detrimento das estatísticas e fontes oficiais.

PALAVRAS-CHAVE: perfil jornalístico; jornalismo interpretativo; entrevista.

INTRODUÇÃO

Os perfis "O sapateiro" e "O advogado" fazem parte do projeto experimental "A natureza das coisas - Um olhar às pessoas e aos ofícios". O projeto realizado em 2009 teve como proposta a realização de perfis jornalísticos de pessoas anônimas, que exercem há algumas décadas o mesmo ofício e permaneceram sem modernizar os seus instrumentos e locais de trabalho. Após sondagem, foram escolhidos um sapateiro e um advogado.

A proposta buscou comprovar experimentalmente o que foi escrito na década de 60 por Luiz Beltrão no seu livro *Introdução à Filosofia do Jornalismo*: "O jornalista – pela sua própria natureza e pela natureza do seu ofício – considerará sempre a máquina a *doll not an idol* (um brinquedo, não um ídolo)" (1992, p.146). A essência do trabalho está no saber ouvir e contar histórias, na sensibilidade, na curiosidade. O resto é importante, sim, mas nunca deve substituir ou se sobrepor à posição destas características básicas. Realizar entrevistas por e-mail ou telefone, por exemplo, se tornou praxe e pode ser prático e inevitável, devido à grande demanda de trabalho para um escasso período de tempo nas redações, mas é importante lembrar que escolher estas técnicas de entrevista durante a apuração jornalística para impresso deixa de lado todos

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2]Recém-formada/graduada em 2009 no Curso de Comunicação Social-Jornalismo, Unicentro, email: francampiolo@hotmail.com
[3] Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social-Jornalismo, Unicentro , email: ariane_carla@uol.com.br

os silêncios, desvios de olhar e outros detalhes que só se percebem no contato face a face com o entrevistado.

Alguns autores, como Adelmo Genro Filho defendem que a singularidade é o principal da notícia. Em uma transcrição de uma palestra do pesquisador, contida no livro sobre a sua contribuição ao jornalismo, é explicitado o seu modo de pensar:

> São as características, os detalhes, porque eu preciso montar um quadro que tenha uma certa semelhança com a minha percepção imediata, das coisas que eu vejo ao meu redor. É daí que decorre a grandeza e a força do jornalismo, o fato de ele reproduzir coisas distantes, pelo ângulo do fenômeno, ou seja, ângulo da singularidade (AMARAL, 2007, p. 46).

Hoje em dia, a realidade das redações de jornais apresenta fenômenos antes inimagináveis, como a terceirização da reportagem, a partir do uso de serviços de agências de notícias nacionais e internacionais e a produção de matérias da própria redação utilizando o conteúdo on-line disponibilizado em diversos sites, releases mais o telefonema para duas ou três fontes que repercutam as informações, finalizando assim a reportagem. A lógica de mercado é marcante nas empresas e a apuração sofre alterações cada vez mais prejudiciais. Neste ponto, trazemos para reflexão a descrição de Cremilda Medina: "Observação direta e palpitante. Repórter que vai à rua e constrói sobre o momento da história e dos fatos presentes. Da união destes conceitos nasce a definição moderna de jornalismo" (1988, p.58).

O perfil foi escolhido porque é o gênero que permite que o repórter se aproxime mais do seu entrevistado, utilizando-se de uma escrita livre, expondo minudências que não são encontradas no jornalismo convencional. Ao apresentar um texto bem trabalhado, o produto jornalístico não se torna algo supérfluo, descartável. O Perfil é uma tendência da entrevista, direcionada à compreensão, num subgênero perfil humanizado. Medina, em seu livro sobre a entrevista, explica:

> Ao lidar com o perfil humanizado, consciente ou inconscientemente, se faz presente o imaginário, a subjetividade. Como enquadrar nos limites de um questionário fechado, duma cronologia rígida, de uma presentificação radical uma personagem que ultrapassa estes ditames? (MEDINA, 1990, p.18).

Almejou-se encontrar o bonito e singelo no comum, problematizando o corriqueiro, através de uma apuração jornalística que faz uso da entrevista em profundidade e da observação participante. Lage (2004) explica que a entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. Trata-se de uma

expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos. Já a entrevista em profundidade, traz uma diferenciação no objetivo, sendo que o importante:

> Não é um tema particular ou um acontecimento específico, mas a figura do entrevistado, a representação do mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser, geralmente relacionada com outros aspectos de sua vida (LAGE, 2004, p.75).

O objetivo foi experimentar a escrita jornalística através da construção do perfil. As pessoas escolhidas como personagens têm experiências para contar, viram a cidade e o mundo passar da vitrola ao MP10, da máquina de escrever ao *notebook*. Auxiliaram também na construção de uma cidade, desenvolvendo atividades longe dos *frenesis* tecnológicos. Um sapateiro e um advogado. Da mesma forma que o jornalismo "não modernizado" pode ser eficiente, estas pessoas realizam seus trabalhos livre dessas influências, mas de maneira nenhuma com menos qualidade.

JORNALISTA: O PROFISSIONAL

Sobretudo o desenvolvimento tecnológico ocorrido nas últimas décadas influenciou as características dos profissionais da informação. A essência do trabalho jornalístico continua sendo a palavra, o fato e a sua narração, contemplando todas as possibilidades e pontos de vista, todavia, novas habilidades e competências têm se tornado indispensáveis. Polivalência e versatilidade são palavras que passaram a fazer parte do dia-a-dia das empresas de comunicação e são esperadas em seus funcionários.

De fato, o profissional da informação de hoje precisa, mais do que nunca, se adaptar a essa nova realidade e conviver com o avanço tecnológico. Mas que todos os artifícios utilizados apenas colaborem para que o objetivo maior seja cumprido: transmitir de maneira clara as informações. Clóvis Rossi, em seu livro *Vale a pena ser jornalista?* descreve o profissional considerado "preparado", ainda para as décadas de 1980/90:

> Cidadão capaz de: batalhar incessantemente para conquistar seu público para a causa da democracia e da justiça social, o jornalista não pode escamotear as diferentes opiniões, de forma a que o público consumidor de informações tome a sua própria decisão. Fornecer o quadro mais completo possível de uma determinada situação, para que ele tenha todos os elementos de análise para formar seu próprio juízo (ROSSI, 1986, p. 6).

Ciro Marcondes Filho (2000) atribui como resultado do processo de informatização da atividade o fato da vida dos jornalistas ter se tornado mais complicada. "Chantageados pelo desemprego, os jornalistas de posição intermediária na empresa e os precários perdem rapidamente de vista o fascínio da profissão" (MARCONDES FILHO, p. 58). O autor segue ressaltando que o mundo se desenvolve em descompasso com a formação do jornalista, sendo que, mesmo tendo dia-a-dia um contato cada vez maior com as tecnologias comunicacionais, a capacidade dos estudantes de se aprofundar e estruturar opiniões fundamentadas tem consistentemente diminuído.

Cremilda Medina em *Povo e Personagem*, afirma que "a substância de um mediador social parece estar perdida em meio a uma estimulação de eficiência tecnológica" (MEDINA, 1996, p.11). Para ela, a relação com o mundo e com o outro são questões específicas da profissão. E essas relações carecem de profundidade. Ela vê como obstáculos contemporâneos para o jornalista a atrofia da mediação social da informação causada pelas indefinições éticas, pelas deficiências técnicas e pela miserabilidade estética. A autora trata o jornalista como um leitor cultural e para que haja um enriquecimento da cosmovisão dele, o contato com a literatura é fundamental. Assim, "tanto no ato jornalístico (reportagem), quanto no ato analítico (pesquisa, encaminhamento de pauta, formulação de linhas de trabalho) e no ato expressivo (redação e edição), a literatura é uma fonte de sensibilização e refinamento da mundivivência" (MEDINA, 1996, p.31). A autora diz sobre a necessidade de uma aproximação entre o jornalista e o artista.

O jornalista está apto a produzir conteúdos simplificados, na sua formação são instruídos a seguir os manuais de redação, os quais constam as regras básicas de como responder às principais questões referentes ao acontecimento logo no início do texto. O *lead*. Medina acredita que o mediador social precisa ser pleno, trabalhando na linguagem as representações simbólicas, o imaginário coletivo e os comportamentos culturais.

> A linguagem da mediação social se informa de representações simbólicas lógico-analíticas (idéias, conceitos, argumentos), representações intuitivo-simbólicas (emoções, criações artísticas, mitos) e representações moto-operacionais (situações, modos de ação cultural). Na plenitude de um mediador, compareciam conteúdos complexos e não conteúdos simplificadores ou reducionistas (MEDINA, 1996, p.12).

João Pereira Coutinho, em seu artigo *Para acabar de vez com o jornalismo*, diz que, hoje, os leitores querem mais do que somente fatos. Eles querem o confronto do ser humano com esses fatos narrados de forma autoral e literária. Também desejam que existam contadores de histórias que as conte no sentido mais nobre do termo. Para Coutinho a sobrevivência do jornalismo no mundo moderno passa pelo fim do jornalismo antigo, "objetivo".

Pode-se dizer, então, da necessidade de um profissional dialógico, que esteja apto a desenvolver a relação entre o eu e o outro. Que escreva com profundidade e estética. Mas o tempo histórico em que estamos é apressado demais, por isso em muitas situações essa necessidade é desalentadora.

PERFIL: UM OLHAR ÀS PESSOAS

A apuração jornalística é algo indispensável. Não é possível fazer bom jornalismo sem investigação e este processo não é separável de nenhum tipo de produção jornalística. A reportagem é o gênero jornalístico por excelência, que informa com profundidade, expõe causas e consequências de um acontecimento, contextualiza, interpreta e pretende aproximar o leitor da história. Sodré e Ferrari (1986) consideram que as principais características da reportagem são "a predominância da forma narrativa, a humanização do relato, o texto de natureza impressionista e a objetividade dos fatos narrados" (SODRÉ, p.15). A respeito da escrita de uma reportagem, é sabido que em algum momento o repórter vai precisar encontrar pessoas, que são chamadas por alguns estudiosos de personagens. Quando a narrativa da ação for interrompida e, em seu lugar, surgir a descrição de um personagem, tem início o que é chamado em jornalismo de perfil.

O perfil é uma narrativa curta sobre a vivência de uma pessoa - seja uma celebridade ou um tipo popular - normalmente publicada em jornais e revistas. Diferencia-se da biografia por não se prender a todos os pormenores da vida do entrevistado permitindo, assim, a focalização em alguns momentos de sua vida. Outra diferença é que tem menor tempo de duração, pois pode ser que depois de meses ou anos da publicação o personagem tenha mudado suas opiniões e conceitos coletados pelo repórter.

A referência de um perfil está na experiência humana, que é representada no jornalismo convencional somente por meio de números, dados sociais ou exemplificações de historinhas de alguém. No perfil, o protagonista vai "irradiar o

contexto sociocultural, as raízes históricas de um fato" (LIMA apud VILAS BOAS, 2001, p.18). E para que ele seja atraente ao leitor é preciso ser literário, pois assim, provoca reflexões sobre aspectos objetivos e subjetivos comuns à existência que é o que realmente vale guardar na memória, o resto, torna-se irrelevante com o tempo.

> O protagonismo é um ímpeto eminentemente artístico. A arte sempre procurou tratar o personagem como exemplar para o conhecimento da natureza humana. Difícil pensar em literatura, cinema ou teatro sem personagens. Para nos aproximarmos das boas realizações, portanto, nós, jornalistas, deveríamos nos misturar com a arte constantemente, nos expor a ela – sobretudo à literatura e suas técnicas narrativas (VILAS BOAS, 2001, p.18).

Para Vilas Boas, o texto enriquecido com recursos literários perdeu espaço no jornalismo tradicional. Além de que, nele, os desconhecidos, simplesmente não existem a não ser quando vitimados, grotescos ou para o efeito sensacionalista. Em contrapartida, pessoas famosas ou que estão em evidência por algum motivo, interessam aos veículos de comunicação. A lógica industrial do *lead* e *sublead*, cujo intuito é a objetividade, é inútil em perfil. De acordo com Vilas Boas (2001), o perfil é um gênero jornalístico de caráter autoral, o que exige a combinação de memória, conhecimento, imaginação, sínteses e sentimentos. Ou seja, o autor deve desprezar o distanciamento e a frieza diante do entrevistado.

Os perfis geram empatias em quem escreve e em quem lê, a partir da narração das experiências e das situações presenciadas pelo personagem. O retrato da pessoa precisa ser construído de maneira que interesse tanto o leitor quanto o personagem. Pode-se trabalhar com um conjunto de ações e reações atribuídas à pessoa em foco: o que ela diz a seu próprio respeito, o que diz sobre pessoas e acontecimentos a ela relacionados e o que outras pessoas dizem sobre ela. Muitas vezes o sujeito apresenta gestos, hábitos e pensamentos que caracterizam a fase em que está passando que podem ser contrastados com o passado ou com projeções futuras.

Uma série de fatores influenciam a pesquisa e a redação de um perfil, como o encontro com o personagem não render muitos diálogos, o que faz o repórter desistir da matéria, marcar outro encontro ou fazer o texto com tudo o que conseguiu. Conhecer o entrevistado por meio de leituras e diálogos antes da entrevista é outro ponto. No momento de colocar as ideias, as percepções no papel, os *insights* podem demorar a

acontecer e também o limite de espaço para escrever o texto nem sempre é proporcional ao desejado. Outra questão: tudo o que se pesquisou e ouviu é aproveitado parcialmente. Pode haver estímulo à invasão de privacidade e à supervalorização dos feitos do personagem, então apenas ouvir o que o entrevistado tem a dizer, basta. Assim como descobrir o universal nas particularidades e incitar o pensamento sem sentimentalizar, criticar, ofender.

Os veículos começaram a apostar em narrativas biográficas a partir da década de 1930. Talvez pelo amplo espaço que reservava ao perfil, a revista *The New Yorker* é tida como a precursora do gênero. No Brasil, a época de excelência se deu com a revista *Realidade*, entre os anos de 1966 e 1968, quando os repórteres eram estimulados a conduzir diálogos interativos e mesclar informações sobre o cotidiano do sujeito com opiniões sobre temas contemporâneos como sexo, família a política. Isso para um retrato nítido e literário sobre o entrevistado.

Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari no livro *Técnica de reportagem – notas sobre a narrativa jornalística* (1986) elencam uma tipologia da reportagem-perfil:

- Personagem indivíduo: é um retrato mais psicológico que referencial. O interesse está na atitude, no comportamento, na atuação do entrevistado diante da vida. Confere ao texto um caráter de imprevisibilidade.
- Personagem tipo: é quando se acentua o que confere à pessoa notoriedade, como uma habilidade, um talento, a beleza ou qualquer atributo de sua classe ou profissão.
- Personagem caricatura: texto sobre personagem de característica reconhecível e marcante como gestos estranhos, grotescos, atitudes mirabolantes ou com acentuada tendência para a exibição.
- Miniperfil: quando em uma reportagem (cujos fatos e a ação têm mais destaque que os personagens) o relato é interrompido para dar lugar a um enfoque rápido sobre as pessoas no formato narrativo ou de entrevista.
- Multiperfil: a publicação de inúmeras matérias (artigos, crônicas, poemas, entrevistas) em diversos veículos que testemunham vida e obra do focalizado. O conjunto delas forma seu grande perfil, na medida em que são vários narradores de um único objeto de narração.

Para a elaboração de perfis é necessário que se ouça. Ouvir não somente com a audição, mas ainda com o tato, olfato, visão e porque não paladar. A descrição dos elementos de comunicação não-verbais permite que o leitor interprete e tire suas próprias conclusões acerca do personagem. A possibilidade de descrever alguém narrando o que ela faz e a maneira com que faz é extremamente considerável na estruturação do perfil.

É imprescindível que o repórter encontre o entrevistado pessoalmente para observar, sentir, estudar o outro e o ambiente em que ele se encontra. Os objetos pessoais revelam sua personalidade e quando apreendidos pelo repórter sugere uma maior interpretação do leitor quanto às características do perfilado.

Se aplicados os tipos de reportagem-perfil de Sodré e Ferrari ao trabalho, em virtude do objetivo de valorizar as pessoas e seus ofícios, pode-se afirmar que os perfis foram construídos mesclando Personagem tipo e Personagem indivíduo, visto que deu-se importância tanto à notoriedade da pessoa por conta do trabalho que realiza, quanto outras características da sua vivência.

DIÁLOGOS INEVITÁVEIS

Sendo indispensável para a realização deste trabalho o manuseio de lembranças, relatos e informações que se interligam num conjunto histórico e geográfico, é visível a aproximação também, além dos utilizados no jornalismo, aos conceitos e métodos empregados na história oral, a qual tem como "matéria a memória, que pode vir à tona através de estímulos diretos" (MONTENEGRO, 2003, p.151) e respeita o primeiro narrador: a pessoa que rememora vivências e as expõe para o entrevistador. Não pretende-se aprofundar aqui o diálogo entre jornalismo e historiografia, apenas considera-se relevante este comentário para o que será vislumbrado no desenvolvimento do trabalho.

O objetivo implícito é desvirtuar os dispositivos estabelecidos pela ordem estatal e comercial, refletindo a respeito de questões da cultura popular e de indicações sensíveis acerca da cidade e seus habitantes. A partir de um olhar aos ofícios e às pessoas, pretendeu-se observar o cotidiano. Cotidiano tem como definição[4] aquilo que se faz ou ocorre todos os dias, o que se sucede habitualmente e, como escrito por

[4] Dicionário Virtual Aurélio

Montenegro, "é nesse plano (cidade) intrincado que homens, mulheres, crianças, velhos e velhas estabelecem, projetam, realizam suas vidas" (MONTENEGRO, 2003, p.9). Aqui o cotidiano é compreendido através das palavras de Michel de Certeau:

> O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. Não se deve esquecer este "mundo memória" [...] É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres (CERTEAU, 1996, p. 31).

Os estudos de Certeau, lançados na França na década de 80, procuraram analisar as maneiras utilizadas pelas pessoas para a apropriação e individualização da cultura de massa. Dessa forma, suas pesquisas são indispensáveis para a compreensão do cotidiano. A vivência diária, que é o mundo composto por pessoas, falas, textos, gestos, movimentos, abarca táticas do fazer, como invenções anônimas, desvios da norma, mesmo que sem confronto.

Neste sentido, a cultura popular é algo presente, não-dominada, mas com características muito distintas da cultura oficial, no entanto com a consciência de que "[...] elementos simbólicos são construídos pela população, e se apresentam, muitas vezes, como o avesso daquilo que lhe é imposto cotidianamente, à medida que essa população convive, tolera, assimila, reproduz a cultura oficial" (MONTENEGRO, 2003, p.13). Dessa forma, adentra-se no âmbito da comunicação social, acreditando que a difusão de mensagens simbólicas pelos meios técnicos, em muito aumentada com o desenvolvimento tecnológico, possui uma recepção ativa (THOMPSON, 1995). Assim, existe uma resistência social, a qual pode ser evidenciada nos relatos coletados para a produção dos perfis.

Ao escolher pessoas que possuem um ofício pelo qual são conhecidas, não se pode fugir da questão da identidade, tema que tem sido muito estudado na teoria social. Stuart Hall (2001) pondera sobre os acontecimentos que consistentemente vem fazendo com que o sujeito, antigamente unificado, se apresente deslocado frente às transformações ocorridas na sociedade em escala mundial, observando a influência da globalização na formação das identidades culturais. Sob a ótica do autor, o sujeito pós-moderno é composto por diversas identidades. Desta forma, um barbeiro não é apenas

um barbeiro, pois possui características contraditórias e plurais, em alguns casos, "não-resolvidas". O barbeiro é também um pai de família, que congrega na igreja X, é membro do clube Y, segue determinadas tendências de pensamento, tendo distintos pertencimentos a culturas étnicas, lingüísticas, religiosas e assim por diante.

Hall identifica como positivas as fragmentações que têm desestabilizado as sólidas localizações dos indivíduos, embora estas ocasionem uma crise.

> Esta perda de um 'sentido de si' estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto do seu lugar no mundo social e cultural quando de si mesmos – constitui uma 'crise de identidade' (HALL, 2001, p.9).

Eduardo Galeano, jornalista e escritor uruguaio, na sua obra intitulada Livro dos Abraços, escreveu a seguinte frase: "Somos, enfim, o que fazemos para transformar o que somos. A identidade não é uma peça de museu, quietinha na vitrine, mas a sempre assombrosa síntese das contradições nossas de cada dia" (GALEANO, 1991, p.123).

As perguntas feitas aos entrevistados e os próprios perfis evidenciam que as pessoas são compostas por diversas identidades, as quais ficarão explícitas durante a leitura dos textos.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Após a definição do tema do projeto experimental, partiu-se às ruas de Guarapuava atrás de possíveis personagens. Este é um ponto muito importante para a realização de um perfil: encontrar uma pessoa disposta a contar histórias. Além do interesse em ouvi-las e torná-las públicas. Essa saída a campo não foi convencional, como as que realizamos diariamente, mas inspirada pelas palavras do poeta Mário Quintana: "A gente sempre deve sair à rua como quem foge de casa, como se estivessem abertos diante de nós todos os caminhos do mundo...". Com este pensamento fica mais fácil perceber as nuances que se apresentam naquilo que vislumbramos dia após dia. Alguns estabelecimentos chamaram a atenção devido às características rústicas, por conterem uma arquitetura antiga. Após contato com as pessoas sentiu-se que seriam bons entrevistados, por terem na ponta da língua várias histórias para compartilhar. Esta foi a etapa de sondagem e primeiro contato.

Foi utilizado no mínimo dois dias para cada entrevistado. No primeiro dia foi empregado o modelo de entrevista aberta, no qual os entrevistadores sugerem temas sobre os quais a fonte fala com poucas interrupções, apenas aquelas necessárias para tornar o diálogo não apenas agradável, mas também produtivo. Assim foram obtidas informações básicas e indispensáveis para o aprofundamento em questões agrupadas num roteiro, o qual foi aplicado no segundo e/ou terceiro dia, por meio de entrevista semi-aberta, que tem como característica a existência de uma matriz de questionamentos que são aprofundados até seus múltiplos desdobramentos.

Seu Vardo

A primeira conversa com este entrevistado foi numa tarde ensolarada do final de julho. Após adentrar em seu ambiente de trabalho, que guarda diversos objetos e lembranças, Valdolino Figueiredo soube da proposta e objetivos. “Gostaría de saber se o senhor topa conversar sendo a fonte”, ao que ele respondeu sem titubeios: “Topei!”. Então, a entrevista inicial foi marcada.

Na Sapataria São Pedro, na Rua Saldanha Marinho, durante algumas horas, ouviu-se atentamente as rememorações de Seu Valdolino que tomava chimarrão. O primeiro dia foi destinado principalmente à obtenção do maior número de informações a respeito de sua vida: infância, juventude, experiências profissionais, família. Já no segundo dia um questionário com algumas perguntas indispensáveis para a elaboração do texto foi realizado.

Com cada momento de conversa colhido na íntegra, partiu-se para a elaboração do texto. As falas capturadas pelo gravador e pela câmera filmadora foram ouvidas por inteiro e transcritas para o papel. Assim como as informações subjetivas anotadas enquanto se esteve com o personagem. Os detalhes do lugar em que trabalha, as pessoas que o visitou naquelas tardes, os hábitos, as manias, o jeito de falar e de vestir foram apreendidos. Portanto, pôde-se construir um texto rico em possíveis interpretações.

Trecho do perfil "O sapateiro":

"Passou a infância na tranquilidade e na vida trabalhosa de um sítio junto a cinco irmãs e cinco irmãos. "Eu sou o do meio da turma". Tem saudade do tempo em que andava a cavalo para baixo e para cima, em que nadava em um rio de verdade e caçava passarinho com estilingue e arapucas. "Você já viu moleque que
não apronta?". Estudou até a quarta série e aprendeu a profissão de sapateiro com um dos irmãos mais velhos. "São 43 anos comendo poeira". Trabalhou também em uma mina de carvão e em uma fábrica de óleo de soja. Casou em 1969 com uma moça que era sua vizinha".

Seu Jayme

Seu Jayme veio para Guarapuava no ano de 1964. No primeiro contato, ele acabara de abrir um *torrone*, por certo sua sobremesa, visto que eram cerca de 13h35. No calendário de papel em sua parede, o qual precisa ter o dia mudado manualmente, o dia estava atrasado. O ambiente é composto por artefatos de outras épocas: mesa, cadeira, sofás, quadros e a própria arquitetura da construção. Mais uma vez houve uma conversa para explicar o motivo da visita. Seu Jayme aceitou com alegria ser entrevistado e, para formalizar, foi até uma saleta que guarda processos procurar um papel. Voltou com um desses envelopes de correspondência comercial alegando não ter encontrado sua agenda. Pegou uma caneta de cor azul e minuciosamente passou a ditar em voz alta enquanto escrevia: "Nos dias 5 e 6 de novembro, as senhoritas Scheyla Horst [é alemão, né?] e Francielli Campiolo [este é italiano!] voltarão aqui para conhecer mais sobre a minha trajetória". Ao que completou: "Pronto! Das 13h30 até as 17h é o meu horário de trabalho no período da tarde. Será uma honra".

O escritório fica na Rua Senador Pinheiro Machado. No primeiro dia, ele demorou uns segundos para nos reconhecer. A conversa foi tranquila, com questões abertas para uma percepção inicial do entrevistado e verificar quais assuntos seriam destaque para a formulação de perguntas para uma segunda conversa. Como a bateria da filmadora estava fraca, pediu-se uma tomada para carregá-la. Seu Jayme respondeu que

infelizmente não poderia ajudar, pois lá não há energia, nem tomadas. Então, o trabalho foi filmado com a câmera fotográfica e registrado com as anotações. Em momento algum Seu Jayme precisou sair ou interromper a conversa por conta do trabalho. Só quando o telefone tocou e quando uma senhora foi lhe perguntar se havia encontrado sua certidão de casamento. Em quase todo o tempo havia somente a sua companhia, as suas histórias.

Trecho do perfil "O advogado":

'"Nasceu em Itararé, interior de São Paulo, tem cinco irmãos dos quais se orgulha em dizer o que cada um faz ou fez, pois três deles já desencarnaram como ele mesmo diz, justificando não crer na morte. Jayme e a irmã mais velha não casaram. E quando questionamos o motivo ele afirma que não caiu nessa de casar. "O que é isso! Êpa! Dar de comer a filho dos outros?", e logo pede desculpas pela brincadeira. E ao insistirmos na pergunta: "Acha que alguém vai gostar dessa cara aqui? Não tem jeito. Com essa cara eu não caso". E volta a dizer que está brincando, após um ruidoso riso que se estendeu por alguns segundos até parar de maneira brusca, sem fôlego. Depois revelou que o casamento é uma sociedade de amor e de união'".

Os perfis foram elaborados de maneira singular passando pelas leituras e arrumações inúmeras vezes até ser considerado pronto para publicação. Como quem costura uma colcha de retalhos, as ideias, os estilos e as fotos constituíram cada perfil.

CONSIDERAÇÕES

Ao fim do projeto, ficou-se com a leve impressão de que foram comprovadas as premissas do trabalho. É preciso refletir sobre a atividade jornalística, sobre o profissional que é encontrado nas redações, muitas vezes acostumado a fazer um tipo de texto, a ler os mesmos jornais, a apurar da mesma maneira desde o início da carreira. Mesmo na correria do dia-a-dia, que exige agilidade e cumprimento de horários, acreditamos que é possível encontrar tempo para se apaixonar pela profissão, para render às pessoas um novo olhar. Um olhar que procura ver a essência.

A experimentação permite ao estudante experiências talvez únicas. Ir à contramão do usual na elaboração da reportagem jornalística permitiu descobrir que a escolha das fontes é um passo importantíssimo. Como seria apenas uma pessoa para o texto, essa pessoa precisava ser uma boa fonte.

É difícil traçar as características do público dos jornais, para afirmar o que eles querem ou não. Mas o certo é que o leitor, vez ou outra, espera novidades. Um novo jeito de contar os fatos, uma linguagem diferenciada para retratar as pessoas. Isso sem

nunca desvencilhar a prática profissional da ética, do compromisso com o interesse público. O que altera é a forma de escrita, a partir do uso de técnicas diferenciadas, como as literárias, mas a informação jamais sofre prejuízos. Ao contrário, ganha estética e provoca interpretações.

Na escolha do Perfil, consegui-se fazer um jornalismo além das técnicas. Nele, pode-se evidenciar mais o *quem* do que *o que* resultando em um relato de realidades complexas. A essência do jornalismo está em promover a compreensão das ações humanas e foi o que se fez. Através do Perfil trabalhou-se a narrativa: apreendeu-se a vida de Seu Vardo para depois contar. E assim os acontecimentos passaram a ser vistos como fenômenos sociais e não apenas informação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Márcia Franz (Org.). **Olhares sobre o jornalismo: a contribuição de Adelmo Genro Filho**. Santa Maria: FACOS, 2007.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à Filosofia do Jornalismo**. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1992.

BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982.

CERTEAU, Michel e GIARD, Luce: **A invenção do Cotidiano: 2**. Morar e Cozinhar, Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1996.

COUTINHO, João Pereira. **Para acabar de vez com o jornalismo**. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/ult2707u18.shtml

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. 5 ed. Rio de Janeiro: L&PM Editores, 1997.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e Jornalismo: A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 1990.

_____, Cremilda. **Notícia: um produto à venda**: jornalismo na sociedade urbana e industrial. 2 ed. São Paulo: Summus, 1988.

_____, Cremilda. **Povo e Personagem.** 1 ed. Canoas: Ed. ULBRA, 1996.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

ROSSI, Clóvis. **Vale a pena ser jornalista?** São Paulo: Editora Moderna, 1986.

SANTANA, Adriana. **O repórter e o jornalista cordial. Sobre posturas e (im)posturas no jornalismo**. Disponível em: http://www.facasper.com.br/cip/communicare/edicao_8.1/pdf/04_Adriana.pdf

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem – notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus,1986.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna:** Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1995.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis e como escrevê-los.** 1 ed. São Paulo: Summus, 2003.